

“O remo que levas ao ombro!”

(02.06.2007)

R. Barberena

Nada melhor que a arte e a cultura para se observar a expressão do espírito livre e emancipado de uma cidade. A cidade do Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, cantada e recantada como o coração do Brasil, sempre foi vanguarda. O remo sempre esteve presente na sua formação, inicialmente utilitário e, posteriormente nos enfrentamentos das regatas. Foi através do remo que os seus cidadãos começaram a usufruir e a se encantar com o mar. Com ele a cidade quebrou paradigmas, adotou hábitos de vida salutares e delineou um novo padrão estético para sua gente. O remo sempre fez parte da cultura desta cidade litorânea, portuária e cosmopolita. Como desporto organizado, foi a primeira manifestação entre todas, tendo suas origens remetidas ao século XIX.

O remo acompanha ininterruptamente, sem um hiato sequer, gerações e gerações desta cidade. Já estava presente no Primeiro Império, acompanhou a cidade durante a Regência e foi no Império de S. M. Pedro II que surgiram os primeiros grupos de regatas. Viu seus remadores da Armada partir para a guerra do Paraguai. Com uma regata comemorou a assinatura da lei Áurea. Viu nascer a República e com ela os liberais republicanos; estes, pouco a pouco, foram transformando os grupos de regatas nos clubes de grande paixão de sua população. Como quase tudo na vida teve seus momentos de glória e ostracismo, mas esteve e estará sempre, irremediavelmente, ligado a história e ao futuro da cidade.

Inicialmente utilitário se fazia presente na região portuária, nos bairros do Caju, São Cristóvão, Santo Cristo, Saúde e Gamboa. Posteriormente, ditando moda e acompanhando o progresso se deslocou para as praias do Flamengo e Botafogo vivendo ali um auge com o Pavilhão de Regatas na década de 1920. Com a necessidade de expansão das vias de acesso, os aterros e túneis, o remo deslocou-se para um pedacinho caprichoso da natureza, a lagoa Rodrigo de Freitas, culminando então com a construção do belo Estádio de Remo no início da década de 1950.

Por aqui o remo sempre fez parte da paisagem, assim como o mar, os pescadores, as gaivotas e os flamboians. Ninguém lhe dá muita atenção, porque aqui se nasce e se cresce com estas imagens. Quantos não ouviram um relato dos avôs, do pai ou da mãe, de parente ou de amigo sobre o remo? Sobre o remo e os remadores dos antigos Boqueirão do Passeio, Santa Luzia, Internacional de Regatas, do Clube de Regatas Guanabara, São Cristóvão e Regatas, do glorioso Botafogo, do Flamengo e do Vasco da Gama, dos vizinhos Gragoatá e Regatas Icaraí, dos remadores de escaler da Marinha, da Escola Naval e do Regatas Piraquê entre tantos.

Na cidade de São Sebastião, a cultura, que vem ser o símbolo maior de uma coletividade, sempre destinou um espaço para o remo e este foi fonte inspiradora para muitos de nossos artistas. O remo se mesclou no cotidiano da cidade, no cancionero popular, na poesia, nas crônicas dos literatos, nos ditos populares, nas cantigas de roda.

Em um breve, mas significativo exercício pode-se relembrar literatos como Raul Pompéia, Olavo Bilac, Paulo Barreto o *João do Rio*, Nelson Rodrigues, Carlos Heitor Cony e tantos outros que escreveram inúmeros textos e crônicas sobre o remo.

Quem nunca ouviu o dito popular: “... *com quantos paus se faz uma canoa*”. Canoas, assim eram chamadas as embarcações a remo no final do século XIX e início do século XX. Aquelas tinham uma regulamentação para competir; sete tábuas corridas para cada bordo. Daí surgiu o dito popular “*vou te mostrar com quantos paus se faz uma canoa*”.

Na antiga capital do país, a proximidade dos clubes de remo do Calabouço com o Palácio Monroe, sede do senado e do Palácio Tiradentes, sede da Câmara, acabava influenciando os discursos destes representantes do povo que utilizavam expressões originárias das garagens do remo; “*vamos remar juntos até o final*” ou “*remaremos contra a maré*” ou ainda “*não vamos entregar o páreo*” e outras tantas que são utilizadas no cotidiano até os dias de hoje.

E quem nunca cantou a cantiga de roda *A canoa virou* de domínio público
A canoa virou /Por deixá-la virar /Foi por causa da Sandra /Que não soube remar

Ou, a *Marcha do Remador* de Antônio Almeida
Se a canoa não virar olê olê olá/Eu chego lá
Rema rema rema remador/Quero ver depressa o meu amor

Quem não ouviu de Lamartine Babo o hino do mais querido o *Clube de Regatas Flamengo*
Na regata ele me mata/Me maltrata, me arrebatá/Que emoção no coração

Dele também o hino dos nautas o *Clube de Regatas Vasco da Gama*
No atletismo és um astro/No remo és imortal
No futebol és o traço/De união Brasil-Portugal

E do poeta Vinicius de Moraes o poema *Para viver um grande amor*
Para viver um grande amor perfeito, não basta ser apenas bom sujeito; é preciso também ter muito peito — peito de remador. É preciso olhar sempre a bem-amada como a sua primeira namorada...

Músicas, poemas, cantigas, crônicas, ditos populares que ajudaram a forjar o senso coletivo desta cidade e que se perpetuam na memória/história do Rio de Janeiro.

Hoje, as vésperas de sediar os Jogos do Pan-Americano de 2007, o maior evento esportivo do continente neste início de século XXI, a cidade que só conseguiu esta primazia e esta honra porque se caracterizou por ser uma cidade esportiva e que teve no remo sua inspiração primeira, vê pasma a possibilidade de destruição e de descaracterização de um símbolo, o Estádio de Remo da Lagoa, construção modernista de 1951.

Agora mais do que antes, quando todos sabem da extrema importância e do significado do esporte e da educação para a nossa juventude é proposta a transformação deste patrimônio público em “coisa privada”, é abandonado propositalmente pelo poder público à saga dos interesses do capital.

Assim exposto, ficamos propensos a pensar que o ministro dos esportes, o prefeito da cidade, alguns representantes da câmara dos vereadores, a direção do Comitê Olímpico Brasileiro, membros da nossa própria Confederação, enfim, estes bagunceiros que se misturam à vida, são tão incultos, que não sabem, não tem a menor idéia, do que representa o remo no contexto histórico/cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Há uma passagem na *Illiada*, que bem sintetiza este parecer. Ulysses interroga as sombras dos mortos sobre seu futuro. A sombra de Thirésias lhe vaticina longas e terríveis viagens; e querendo dar-lhe idéia da selvageria dos rudes povos que há de encontrar, diz-lhe: *“chegarás por fim a um lugar tão inculto, que encontraras gentes que não saberão para que serve o remo que levores ao ombro!”*

No entanto, a cidade cinqüentenária, que tem o remo ao ombro há tanto tempo, nesta hora de tamanha importância, pode expressar seu espírito livre e emancipado, dizer um retumbante *não* a estes dissimulados, desconhecedores do seu passado e da sua formação náutica. Só a população do Rio de Janeiro pode dizer o que simboliza para o seu imaginário coletivo e para seu espírito libertário saber que todos os dias ao amanhecer, faça chuva ou sol, uma parte de sua juventude com seus pequenos barcos a remo, singram as águas da baía da Guanabara e da lagoa Rodrigo de Freitas.

Como coletividade temos o direito e a obrigação de não nos omitirmos diante do fato. Temos a obrigação de deixar para as gerações futuras, no mínimo, o mesmo direito e o mesmo patrimônio público que recebemos como legado histórico. Somente a população (e ninguém mais) tem o direito de dizer o que se deve fazer com o Estádio de Remo da Lagoa, patrimônio cultural e histórico, memória e futuro da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Barberena – EEFD/UFRJ.
e-mail barberena_ufrj@yahoo.com.br